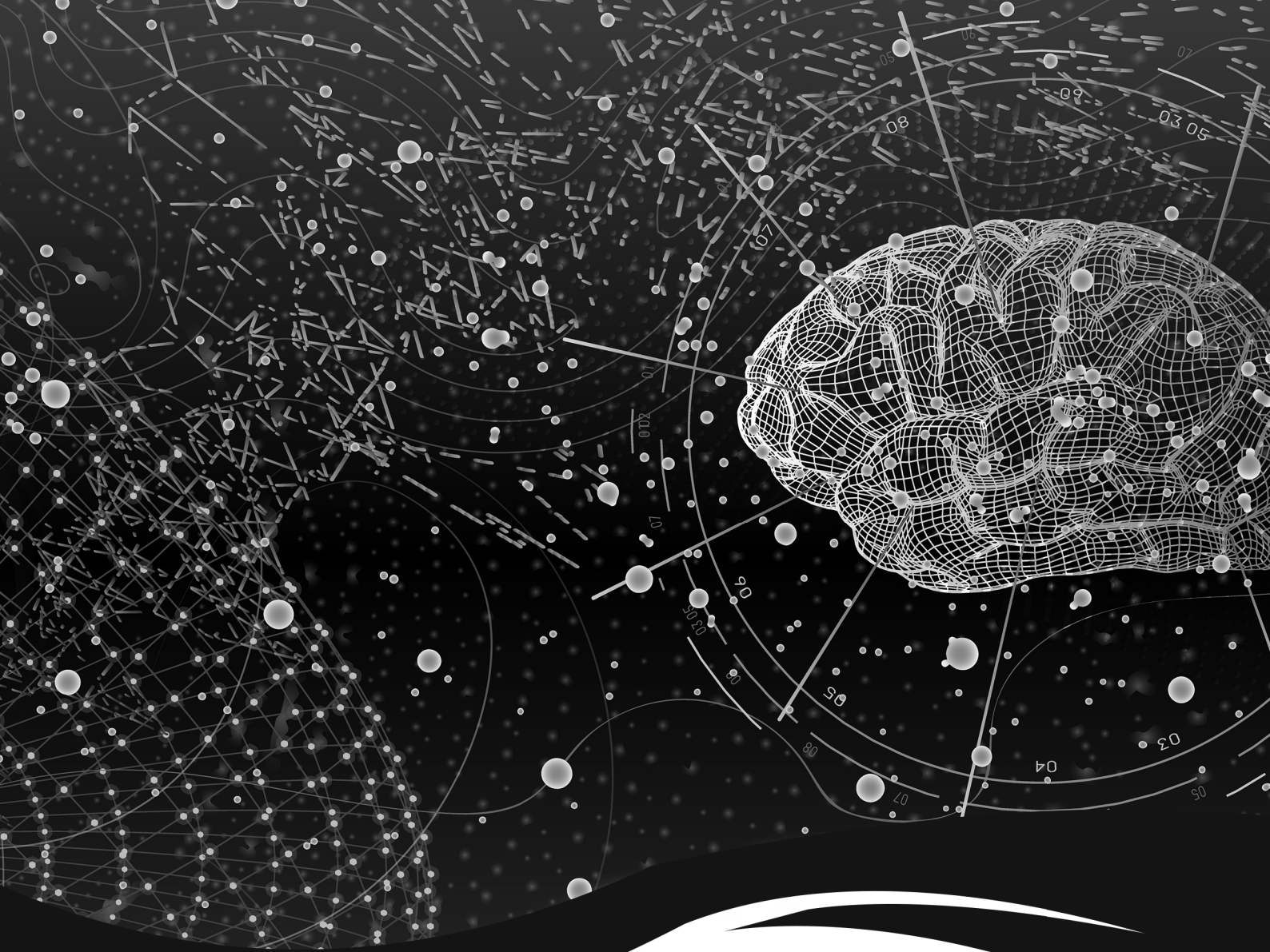




**MARIA IZABEL MACHADO
(ORGANIZADORA)**

FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Atena
Editora
Ano 2019



MARIA IZABEL MACHADO
(ORGANIZADORA)

FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

 **Atena**
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F488	Filosofia contemporânea [recurso eletrônico] / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-708-6 DOI 10.22533/at.ed.086191710 1. Filosofia – Estudo e ensino. I. Machado, Maria Izabel. CDD 100.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Filosofia Contemporânea” aqui apresentada é composta de 12 capítulos que têm como fio condutor as contribuições da filosofia para pensar o hoje. Embora a filosofia seja o alicerce sobre qual se assentam as reflexões desenvolvidas na obra cabe destacar seu caráter multidisciplinar, uma vez que ao se desafiarem a produzir reflexões sobre o vivido os autores e autoras o fizeram considerando o dinamismo da existência e a complexidade do existir.

Os temas desenvolvidos ao longo da obra foram ordenados de maneira a aproximar tematicamente seus autores, razão pela qual não há uma ordem de importância numericamente estabelecida. Do primeiro ao último o mérito está na reflexão em si e não na relevância do trabalho.

Dentre os primeiros quatro capítulos se encontram reflexões focadas no sujeito e nos desafios de existir frente ao sofrimento, frente ao absurdo da vida. As tensões entre liberdade, vontade e responsabilidade nos conduzem a um empreendimento reflexivo que como menciona um dos autores nos sensibiliza para o perpétuo nascer e perecer da existência.

As temáticas do segundo bloco de capítulos, entre o 5º. E 7º, reúnem reflexões acerca da modernidade e seus desafios. Se fosse possível concentram em uma questão poderíamos perguntar: o que estamos fazendo do mundo e de nossas vidas nele? As tecnologias que de forma quase totalitária orientam nosso cotidiano contemporaneamente também impõem seus custos: se por um lado nos lançam para o progresso, de outro nos recordam dos desafios éticos da manipulação da vida, dos perigos do sequestro de sentido pelo uso incessante de equipamentos e nos confinam no encurtamento do tempo.

O terceiro e último bloco tem um caráter, se assim podemos afirmar, mais propositivo. É possível nos resgatar como humanidade? É possível que a beleza e o compromisso ambiental nos restabeleçam sentidos adormecidos? As contribuições presentes a partir do 8º. Capítulo nos convidam, desta forma, a pensar acerca das contribuições filosóficas não apenas para uma vida boa, mas para uma vida melhor. Esse caminho, como chama a atenção um dos autores, só será possível mediante o compromisso com a natureza, com nossos pares e com nossa própria subjetividade.

Desta maneira convidamos leitores e leitoras a essa viagem pela busca de sentido, na problematização da vida e nas práticas transformadoras tendo a filosofia como farol.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A NOÇÃO DE TRIEB E SOFRIMENTO EM SCHOPENHAUER E FREUD	
Suely Poitevin	
DOI 10.22533/at.ed.0861917101	
CAPÍTULO 2	8
A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE THEODOR ADORNO	
Juliano Bernardino de Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.0861917102	
CAPÍTULO 3	20
AS TEORIAS DO RECONHECIMENTO: CHARLES TYLOR E AXEL HONNETH	
José Vitor Lemes Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.0861917103	
CAPÍTULO 4	35
O MAL EXECUTADO POR PESSOAS NORMAIS E SENSATAS: DOS HORRORES DO NAZISMO À MODERNIDADE LÍQUIDA	
Fernando Zan Vieira	
Waislan Nathan Ferreira Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0861917104	
CAPÍTULO 5	39
PARIS NO SÉCULO XX, LISBOA NO SÉCULO XXI OU A MONOTONIZAÇÃO DO MUNDO: A IDEIA DE CIDADE NO ANTROPOCENO	
Bruno Rego	
DOI 10.22533/at.ed.0861917105	
CAPÍTULO 6	51
CRISE, TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E COMPRESSÃO DO ESPAÇO-TEMPO NA CONTEMPORANEIDADE	
José Rangel de Paiva Neto	
Ingridy Lammonikelly da Silva Lima	
Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.0861917106	
CAPÍTULO 7	63
A RAZÃO COMUNICATIVA COMO ALTERNATIVA PARA A RAZÃO INSTRUMENTAL NA BIOÉTICA GENÉTICA	
Miguel da Silva Santos	
José Luis Sepúlveda Ferriz	
DOI 10.22533/at.ed.0861917107	
CAPÍTULO 8	75
MARCUSE E A TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE: UMA INTRODUÇÃO	
Helio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.0861917108	

CAPÍTULO 9	83
UMA LEITURA ESTÉTICA DO REI DO POP À LUZ DO PENSAMENTO KANTIANO	
Cláudia de Araújo Marques	
Marcos Antonio Firmino	
Renato Gonçalves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0861917109	
CAPÍTULO 10	91
FILOSOFIA DO DIREITO: UMA BREVE ANÁLISE	
Adelcio Machado dos Santos	
Joel Cesar Bonin	
DOI 10.22533/at.ed.08619171010	
CAPÍTULO 11	105
O ENGAJAMENTO E O ENSINO FILOSOFIA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELISETE TOMAZETTI	
Maria Catarina Ananias de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.08619171011	
CAPÍTULO 12	115
UMA ARTICULAÇÃO ECOSÓFICA NA CONTEMPORANEIDADE	
Kellison Lima Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.08619171012	
SOBRE A ORGANIZADORA	125
ÍNDICE REMISSIVO	128

UMA LEITURA ESTÉTICA DO REI DO POP À LUZ DO PENSAMENTO KANTIANO

Cláudia de Araújo Marques
Marcos Antonio Firmino
Renato Gonçalves de Oliveira

RESUMO: A pesquisa busca analisar o ícone Michael Jackson, sua marca performática como artista por excelência à luz da teoria estética de Kant (1724-1804), a partir dos estudos sistematizados de *Crítica da Faculdade de Julgar* (1790), que busca a compreensão entre os juízos de gosto e de conhecimento. A metodologia possui abordagem qualitativa a partir de um estudo bibliográfico e documental do tema em questão, cuja conclusão é abalizada em uma teoria que não privilegia a estética aos parâmetros utilitários, mas a conclama como parte autêntica da arte, do belo.

PALAVRAS-CHAVE: Performance. Michael Jackson. Immanuel Kant. Arte do belo.

AN AESTHETIC READING OF THE KING OF POP IN THE LIGHT OF KANTIAN THOUGHT

ABSTRACT: The research seeks to analyze the icon Michael Jackson, his performance mark as an artist par excellence in the light of Kant's aesthetic theory (1724-1804), from the systematized studies of *Critique of the Faculty of Judge* (1790), which seeks understanding

between judgments of taste and knowledge. The methodology has a qualitative approach based on a bibliographical and documentary study of the subject in question, the conclusion of which is based on a theory that does not privilege aesthetics to utilitarian parameters, but concludes it as an authentic part of art, of beauty.

KEYWORDS: Performance. Michael Jackson. Kant. Beautiful.

1 | INTRODUÇÃO

Michael Jackson (1958–2009), conhecido como o “Rei do Pop” foi uma das maiores referências na segunda metade do Século XX, sendo reconhecido como um dos maiores artistas de todos os tempos, segundo o livro *Guinness world Records* (1996/1997). Desde o início de sua carreira e no decorrer da mesma, Michael treinou incansavelmente sua voz e seu corpo. Idealizou um vocabulário vocal e gestual que envolvia temperamentos e estilos próprios, condensando essas combinações em suas *performances* idiossincráticas e icônicas pelo seu excesso de sofisticação, chegando quase ao perfeccionismo. No jornal *New York Times*, a crítica em dança e repórter cultural Anna Kisselgoff declarou após uma *performance* de Michael no Madison Square Garden “olhe além

do gesto rotativo e sugestivo da pélvis, maravilhe-se com o deslizamento para trás com que os pés levam o corpo e reparem nas partes isoladas do corpo, [...] você vê um dançarino virtuoso que usa o movimento por si só” (*New York Times*, 6 de março de 1988).

O uso performático de Michael buscava sempre interpretações contemporâneas e arrojadas nos movimentos – combinação de danças de rua e movimentos da mídia, ou na riqueza de sua música – na concepção da associação dos timbres, instrumentação e arranjos. Judith Hamera (2012), em seu livro sobre Michael escreveu: “coisa mais próxima de um intérprete consensual virtuoso que final do século XX produziu cultura popular” (HAMERA, 2012, p 751). Seus videoclipes projetados estabeleceram um padrão para a mídia baseado na dança, que se tornou um mecanismo teatral na elaboração das canções temáticas.

Iniciou carreira solo em 1971 pela Motown, mesmo ainda sendo membro do grupo Jackson 5. Cinco dos seus álbuns foram os mais vendidos de todos os tempos, a saber: *Off the Wall* (1979), *Thriller* (1982), *Bad* (1987), *Dangerous* (1991) e *HIStory* (1995). Criador de um estilo inédito na dança utilizando os pés em suas *performances* no palco e clipes, Jackson popularizou uma série de complexas técnicas de dança, como o *Robot*, o *The Lean* (inclinação de 45°), o famoso *Moonwalk*.

Neste trabalho procuramos analisar o símbolo de Michael Jackson, seu desempenho artístico com primazia relacionados aos critérios da teoria estética Kantiana (1724-1804) em *Crítica da Faculdade de Julgar* (1790). O fundamento encontra-se no entendimento dos juízos de gosto e de conhecimento, aforando a estética como porção comprovada da arte e do belo.

2 | O JULGAMENTO DO BELO NA VISÃO KANTIANA

Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão fez uso de um projeto sistemático do qual criou, que tencionou um estudo acerca da dimensão do conhecimento humano, que compilou em etapas. A primeira desta denominou de *Crítica da razão pura* (1781), que trata de uma forma filosófica da teoria do conhecimento, dos limites da razão quanto às capacidades *a priori* do conhecimento. A segunda fase, encontramos a *Crítica da razão prática* (1788) que busca fundamentar *a priori* as razões para as atitudes humanas no que tange a moralidade na razão figurada da vontade. A última etapa, intitulada de *Crítica do juízo* (1790) analisa os limites do que podemos entender por atributos do julgamento humano ligados aos processos de memória e sentimentos.

A propósito, Lacoste (1986, p.25) informa que o gosto é a “faculdade de julgar o belo”, portanto, não passa de um julgamento. Procuraremos expor o lugar do gosto na concepção *Kantiana* para que possamos trazer reflexões acerca da subjetividade e da estética.

Kant compreende o gosto como a “faculdade de ajuizamento de um objeto ou de

um modo de representação mediante uma complacência ou uma descomplacência independente de todo interesse” (KANT, 2012, p. 102).

No juízo do gosto, o que é parte contrária a um juízo que busca conceitos ligados ao conhecimento concebe-se o mesmo pela “representação [...] referida inteiramente ao sujeito [...] e em nada contribui para o conhecimento [...]” (KANT, 2012, p. 47). Desta feita, entende-se o juízo apresentado como sendo distinto a um juízo de deleite, de acordo com as predileções individuais a quem se coloca, podendo ou não compactuar as sensações com outros sujeitos dos quais compartilham das mesmas inclinações. Entretanto, nessa dissonância de gostos que Kant afirma a comunicação universal dos sentimentos ao tratar da faculdade de ajuizamento.

Sendo assim, o juízo dos gostos é individual, o sensu comum não pressupõe a assertiva de predileções particulares, visto que “gosto não se discute”, já diz o dito popular. Nesse pensamento, para que seja idealizado um ajuizamento estético puro, o julgamento da beleza deve ser liberto de qualquer conveniência e vantagem particular. A pureza da qual atribui provém de uma abnegação frente ao motivo (objeto) apreciado. Para esse tipo de julgamento, Kant formulou um juízo que nomeou de “juízo de gosto” ou “juízo estético puro”, o qual,

[...] algo só aparece como belo quando visto desde o desinteresse. Produz-se então o julgamento mais sumário e imediato, isto porque não mediatizado nem por interesses sensoriais solipsistas, nem pela intenção de se chegar a um conceito de objeto, nem tampouco o de avaliar se o que aparece está de acordo com algum conceito de como ele deve parecer (OLIVEIRA, 1998, p. 112).

A beleza que admiro de algo compreende a disposição de um sentimento abstrato e particular, por isso não provém da circunstância de ser ecumenicamente belo. Aqui se trata do sentimento de contemplação especial, denotado ao belo, que não se convence por argumentos racionais, não requer logicidade, entretanto, não faz dele um sentimento universal, mas que se comunica a um sentimento subjetivo fazendo intercorrer o juízo de gosto. Benda (1998) expõe seu pensamento de forma clara,

porque, uma vez que não se baseia [a análise do belo] em nenhuma inclinação do indivíduo (nem sobre qualquer outro interesse premeditado), mas desde que o juiz [aquele que efetua o julgamento] se sinta completamente livre no que respeita à satisfação que dedica ao objeto, não pode ele encontrar fundamento para essa satisfação em nenhuma condição peculiar relacionada com o seu próprio sujeito; conseqüentemente, tal satisfação deve ser considerada como baseada naquilo que ele, como juiz, pode pressupor em todos os outros homens (BENDA, 1998, p. 216).

Quando uma pessoa exprimi o seu julgamento do belo de forma contemplativa e apazível, ela sente a beleza universal, porém não somos capazes de explicar no real o que compreende o belo.

O juízo de gosto sugere uma comunicação universal, a vivificação das faculdades da imaginação e do entendimento, no horizonte de uma universalidade não conceitual. O belo é tido como belo porque possui uma certa conformidade a fins (ligada à forma do objeto), mas não uma finalidade determinada, que pudesse ser estabelecida em conceitos (WERLE, 2005, p. 137).

Por mais que o julgamento da beleza seja individual, o objeto ou a circunstância pela qual se está sendo julgada “a sua beleza é descoberta sempre pela primeira vez, e sempre novamente a universalidade deste prazer é reivindicada por aquele que a sente, como se todos já o tivessem sentido ou devessem vir a senti-lo” (OLIVEIRA, 1998, p. 113). Nesse pensamento universalista da comunicação, denominou Kant, o que chama de “universalidade subjetiva”, os conceitos não são disseminados e os juízos não são supostos. Ele reitera “cada um [...] espera e exige de qualquer outro a consideração pela comunicação universal, como que a partir de um contrato originário, que é ditado pela própria humanidade” (KANT, 2012, p. 143).

Porém, o juízo de gosto, ao diligenciar uma permissão universal, não intenciona transmitir o que lhe é dotado de procedência particular, como as sensações. No juízo estético puro, a imaginação, que é a faculdade das intuições e o entendimento, que é a faculdade dos conceitos, dialoga harmonicamente no ato de apreciação por um indivíduo a algo.

Kant estabeleceu quatro categorias na “Analítica do Belo” determinando conceituações das quais ele nomeou: qualidade, quantidade, relação e modalidade; ao passo que o juízo pode ser altruísta, não necessariamente havendo interesse da presença real do objeto que acredita ser belo nem ao menos no prazer que se sente ao julgar.

Heidegger em seu livro¹ sobre Nietzsche informa a conotação da palavra “desinteresse” mostrando sua importância através do antônimo da mesma. Mattoso (2011) imprime de uma forma clara o pensamento de Heidegger ao informar que “a palavra interesse remonta a algo que possui uma importância para um sujeito, [ou seja], ter interesse por alguma coisa significa querer este algo para si, colocá-lo à sua disposição” (MATTOSO, 2011, p. 27). Assim, a ligação que temos com o objeto através do juízo do gosto não pode ser colocado pelo interesse, mas puramente pelo belo por si só que transfigura uma relação de desinteresse.

No segundo aspecto da análise de Kant atrelada à quantidade, o pensamento global é apresentado porque é creditado ao ser humano possuir aptidão necessária para julgar, assim se o sujeito é dotado das faculdades da imaginação e entendimento e se mostra capaz de julgar o belo, por conseguinte, qualquer pessoa estará preparada para julgar a beleza, pois designa a validade não da referência de uma representação à faculdade do conhecimento, mas ao sentimento de prazer e desprazer para cada sujeito (KANT, 2012, p. 59).

Em terceira instância temos a análise da beleza atrelada à relação aliada à intencionalidade, pois o juízo passa pelo pensamento de que o objeto pode ter um fim quando ligado ao sujeito, mesmo quando não estabelecemos esse fim. Kant afirma “a beleza é a forma da conformidade a fins de um objeto, na medida em que ela é percebida nele sem representação de um fim” (KANT, 2012, p. 82).

1 “A doutrina kantiana do belo. Sua interpretação equivocada por meio de Schopenhauer e de Nietzsche.” HEIDEGGER, M. Nietzsche. Vol. 1, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 98 – 113.

Em último momento acerca do julgamento do gosto, ligada à análise da modalidade, o pensamento que emerge é a necessidade de julgar o belo, sendo necessário que todos os sujeitos tenham condições facultativas para exercerem seus julgamentos da mesma forma, ou seja, podemos definir o gosto como “uma faculdade de julgar de um objeto em relação com a livre legalidade da imaginação” (KANT, 2012, p. 80).

Contudo, a liberdade de diálogo entre as faculdades da intuição e dos conceitos constituem um jogo desinteressado. Entretanto, as faculdades se utilizam desse jogo mesmo quando o julgamento do belo cria a sensação satisfatória de formulação de conceitos, o que não passa de sensações perceptivas. Ao fim, a liberdade do jogo das faculdades concorda puramente que “as belas artes são artes do gênio” (KANT, 2016, p. 202). O talento inato desse sujeito transborda em sua capacidade de criar e inventar, fazendo frutificar a verdadeira produção artística.

Kant afirma que o “gênio é a inata disposição de ânimo (*ingenium*) pela qual a natureza dá a regra à arte” (OLIVEIRA, 2001, p. 271). Curiosamente, Kant (2012, p. 54) destaca que o gênio é um receptor dos prescritos da natureza, sendo que o feito de criar arte não se alude a *mimesis* - imitação da natureza. Esse fato se explica porque o gênio não imita a natureza como representação daquilo que é colocado diante dele, mas como “reprodução do seu processo de produção” (OLIVEIRA, 2001, p. 272).

O gênio como extensão da natureza, se sente fruído dela. Perceptível, de forma original, ele se abstém de um determinismo natural renovável, que não contem elucidação sobre a genialidade de um sujeito e como tal coisa acontece. O que define um feito de beleza extraordinário e criação artística é o quanto este é original. Kant indica algumas propriedades que integram o gênio, dentre elas salientam-se o espírito e as ideias estéticas como sendo “uma representação da imaginação” (KANT, 2016, p. 211). Podemos delinear que os princípios estéticos correlacionam com os pensamentos racionais (Ibid., p. 212), o que nos faz pensar que a capacidade que o gênio tem de associar a sua concepção criativa à compreensão e à razão dialogam de forma plena, equilibrada e elegante trazendo ao universo a *performance* da arte do seu particular.

Essa genialidade não pode ser imitada, mas seguida pelo apreciador através de um processo de aprendizagem cujo gênio é visto como núcleo criativo em potencial, com capacidade extraordinária e original. Desta feita, a criação da arte necessita de regras, que por sua vez resulta no processo de disciplina. A genialidade não é desenvolvida baseada somente na aptidão que cada ser humano traz consigo, mas no que Kant denominou de segunda natureza que todo o indivíduo possui.

[...] o próprio homem, (...) a humanidade como um todo, pode ser encarada da perspectiva do gênio. Ora, a nova regra poderia ser entendida como a marca da subjetividade intransferível que cada homem/mulher traz em si e tem como responsabilidade levar a cabo. O que a natureza, por si só, não é capaz de fazer (FIGUEIREDO, 2004, p.52).

De certo, ao gênio, o talento se mostra como aptidão, porém, por si só, não

se basta. Uma qualidade genial que deve e pode ser desenvolvida através de um aprimoramento dos estudos e compreensão das técnicas para evolução da arte que lhe é destinada. Esse aprimoramento infundável conectado ao juízo de gosto apurado, que é peculiar a pessoa do gênio, forma o artista por excelência, incansável, sempre a busca da superação da sua bela arte.

3 | MOTOWN 25: O RECONHECIMENTO DO GÊNIO

Em 1982 o álbum *Thriller* é lançado, o segundo cujo produtor é Quincy Jones. Posteriormente esse álbum se tornaria o mais vendido de todos os tempos chegando a oito prêmios do Grammy de 1984. Nesse ínterim Michael Jackson apareceu na televisão em programa especial da Motown 25 produzido por Suzanne de Passe. Na ocasião apresentou sua *performance* inovadora de “Billie Jean” na qual introduziu o movimento pélvico de “crotch” e o “moonwalk”, marcas gestuais na dança de Michael. Sem dúvida, o *moonwalk* em sua *performance* sobressaiu de forma absoluta e cativou a plateia, marcando os momentos mais memoráveis na programação da Motown 25.

Muito do que Michael Jackson idealizou na sua *performance* foi o que estava adormecido de certa forma. Em *moonwalk* o próprio artista comentou que o passo já estava na rua, mas ele o havia aprimorado quando o fez. Anna Kisselgoff vê o *moonwalk* como uma metáfora apta. “Como técnico, ele é um ótimo ilusionista, um verdadeiro mimo. Sua capacidade de manter uma perna reta enquanto ele desliza a outra e nesse movimento faz parecer andar, requer perfeito timing” (*New York Times*, 6 de março de 1988).

No primeiro instante da *performance*, na pose de abertura, o Michael apresentado é maduro e único. Dotado de uma beleza no movimento e na voz que de forma icônica se posicionam, mostram sua genialidade cuidadosamente apresentados em sua *persona* através da combinação de movimento, música e vestimenta. Essa triparte foi a porção perfeita que totalizaria o impacto visual para seu desempenho magnífico na representação. A partir daí a concepção de desempenho performático foi marcada pela sincronização de eixos dos quais o artista poderia dispor a favor da beleza que se apresentava universalmente, partilhada pela comunicação denominada por Kant de “universalista subjetiva”. Nessa permissão universal de procedência particular, as sensações são instituídas formando o juízo estético puro, cujos agentes são a intuição e o entendimento no jogo harmônico individual na contemplação.

O desempenho de Michael Jackson sempre foi impressionante, sua genialidade de se apresenta ainda quando criança através da fisicalidade exata, da voz evidente, do swing preciso e da liberdade dos movimentos. Não importa as razões psicológicas que rodeavam sua mente, aqui não cabe essa reflexão. Mas para o benefício de sua arte, um profissional notório, que exigiu de si e de todos com que trabalhava dedicação e comprometimento com a genialidade.

4 | CONCLUSÃO

Segundo críticos e diretores como Anna Kisselgoff, Joan Acocella, Roni Favors e outros, a carreira de Michael Jackson foi marcada por uma profunda musicalidade, motivo este, que fez com que a dança de Michael fosse tão bem sucedida. Sua capacidade em responder fielmente à pontuação rítmica e sonora o fazia mover-se antes ou depois da batida, como quisesse, mas sempre espontaneamente e sentimentalmente, como se o fizesse pela primeira vez.

O colunista do *Los Angeles Times*, Lewis Segal, lista três elementos principais da *performance* de Michael Jackson; “os componentes de seu estilo pessoal não são fáceis para duplicar”. O primeiro deles é o isolamento que compreende o movimento separado de diferentes partes do corpo, como o movimento do quadril, que aparece de súbito incrivelmente aguçado. O segundo é apontado como ausência de peso, o *performer* tem liberdade e leveza em cantar e se movimentar parecendo operar em gravidade zero. E em último, intitulado por Segal (2009) como a transformação do mundano: “movimentos do atletismo e da dança pop renovados e transformados em sentido espetacular de fluxo e velocidade delirante [...], quase acidental em seus equilíbrios perfeitos e outros que evidenciam o controle de falhas técnicas” (*Los Angeles Times*, 26 de Junho de 2009).

As maneiras pelas quais Michael explorou a música e o som rico e responsivo com seus vocais junto a dança foi a combinação que conduziu a personificação da sua música. Os resultados estéticos foram os mais elaborados possíveis, sempre fundamentados em histórias, assumiam *performances* colossais entremeadas de música-teatro-dança-storytelling.

A partir da concepção *Kantiana* acerca do gênio e do juízo do gosto é admissível reconhecer Michael Jackson como um artista de expressão incontestável, ícone pop, cujas propriedades potenciais estéticas do seu trabalho desbravou com afinco fazendo uso de atribuições cênicas (ao elaborar temas responsáveis pela condução das histórias e enredos), musicais (combinação de ritmos, timbres e batidas), da dança (comunicação através dos movimentos e gestos corporais desenvolvidos e/ou aperfeiçoados). Nesse sentido esse artista se torna presente nos dias atuais, mostrando sua paixão pela arte, pela afeição ao seu ideal estético, pela sua riqueza musical, pelos seus movimentos vigorosos e inconfundíveis, pela sua dança flutuante e precisa, pela personificação do ícone musical – Michael Jackson.

REFERÊNCIAS

BENDA, Julien. *O pensamento vivo de Kant*. Tradução de Wilson Veloso. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A., s/d.

FIGUEIREDO, Virginia de Araújo. *O Gênio Kantiano ou o Refém da Natureza*. Revista Impulso, Piracicaba, vol. 15, n. 38, 2004.

HAMERA, Judith. *The Labors of Michael Jackson: Virtuosity, Deindustrialization, and Dancing Work*. Journal of Popular Music Studies, V. 127, no. 4 (2012).

KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade de Julgar*. Trad. Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes, 2016.

KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do juízo*. Tradução de Valerio Rohden e Antônio Marques. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

KISSELGOFF, Anna. Stage: The Dancing Feet of Michael Jackson. New York Times, 6 March 1988 (Retrieved 2014).

OLIVEIRA, Bernardo B. C. de. O juízo de gosto e a descoberta do outro. In: DUARTE, Rodrigo (Org.). *Belo, sublime e Kant*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p.57-65.

OLIVEIRA, Roberto Charles Feitosa de. O gosto do desgosto – mimesis e expressão em Kant e Derrida. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virgínia (Org.). *Mimesis e expressão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. p.52-30.

SEGAL, Lewis. "Culture Monster: Why Michael Jackson danced like no one else." Los Angeles Times, 26 June 2009 (retrieved 2014).

WERLE, Marco Aurélio. *O lugar de Kant na fundamentação da estética como disciplina filosófica*. Revista DoisPontos, Curitiba / São Carlos, vol. 2, n. 2, outubro/2005.

SOBRE A ORGANIZADORA

MARIA IZABEL MACHADO Possui graduação (Bacharelado em Licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2009). Em 2012 defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFPR) na linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidades” no eixo temático Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos. Em 2017 defendeu sua tese de doutorado (UFPR) também na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades, desta vez no eixo temático Gênero e trabalho. Como pesquisadora se dedicou durante sua formação acadêmica aos temas economia solidária, gênero, trabalho e cuidado. Atualmente as pesquisas em curso se inscrevem na perspectiva pós-estruturalista e de gênero acerca da cartografia dos sujeitos no ensino superior, especialmente na formação em pedagogia.

Como educadora atuou na formação de lideranças populares por meio de ONGs e outras instituições, e também com formação de professores em projetos de cultura de paz nas escolas.

Atuando na docência nas redes públicas e privada desenvolveu trabalhos acerca da inclusão e segregação no ambiente escolar e com uso de literatura em sala de aula para ensino-aprendizagem de sociologia, na educação básica, especialmente no ensino médio.

No ensino superior atuou na Universidade Federal do Paraná (Departamento de Sociologia), na Universidade Estadual de Ponta Grossa (Departamento de Educação) e atualmente atua como docente na Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Educação), ministrando disciplinas de sociologia da educação, cultura brasileira e gênero. Nesta instituição ainda desenvolve projeto de extensão interdisciplinar a partir da imbricação educação, sociedade e cultura.

Contato: mariaizabelmachado@ufg.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acidentes 52, 56, 59, 60, 61, 62

Acumulação Flexível 53, 54, 56

Antropoceno 39, 40, 42, 45, 46, 48, 49

Autointerpretação 21, 24

Autonomia 8, 11, 13, 16, 24, 29, 43, 64, 65, 72, 80, 95, 110

B

Banalidade Do Mal 35

C

Cidade 22, 26, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 57, 62

Conflito 2, 4, 6, 20, 28, 31, 33, 67

Consciência De Si 30, 105, 107

E

Ecologia 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123

Ecosofia 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124

Educação 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 29, 35, 91, 107, 111, 113, 114, 115, 123, 125

Ensino De Filosofia 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Ensino Engajado 105, 111, 113

Escola De Frankfurt 78

Estética 9, 10, 11, 15, 19, 53, 83, 84, 90, 106

Ética 28, 29, 35, 53, 63, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 95, 101, 121

Eugenia 63, 64, 65, 66, 69, 70, 72, 73, 74

F

Filosofia Do Direito 91, 92, 93, 95, 101, 104

G

Genética 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73

I

Identidades 27

Industria Cultural 17

L

Liberdade 2, 3, 7, 12, 14, 16, 29, 37, 43, 56, 57, 58, 59, 63, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 87,

88, 89, 100, 101, 106, 107, 108

Linguagem 12, 14, 21, 22, 63, 65, 67, 68, 69, 73, 74, 102, 108

M

Massificação 8, 12, 16, 17, 58

Materialismo Histórico 75, 76, 77, 78, 79, 82

Mecanosfera 121

Meio Ambiente 15, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123

Modernidade Líquida 35, 37

Moral 20, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 63, 69, 71, 72, 74

N

Nazismo 35, 36, 80

Neomarxismo 75

Norma 31, 71, 91, 94, 95

P

Performance 83, 87, 88, 89

Pulsão 1, 3, 6

R

Razão Comunicativa 63

S

Sufrimento 1, 2, 3, 5, 6, 7, 12, 37

T

Tecnologia 8, 15, 39, 40, 41, 42, 52, 58, 81, 115, 124

Telefonia Móvel 52, 58, 59

Teoria Crítica 10, 15, 19, 54, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

Teorias Do Reconhecimento 20

Trânsito 41, 52, 56, 58, 60, 61, 62

Trieb 1, 2, 3, 4, 6, 7

U

Unidimensionalidade 39, 42, 46

V

Valor 23, 24, 25, 91, 93, 94, 95, 97, 101, 119, 120

Vontade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 23, 31, 32, 33, 84, 99, 118

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-708-6



9 788572 477086